

REFLEXÕES ACERCA DO PRECONCEITO EM TORNO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS: O EXEMPLO CARISMÁTICO

Regina Célia Lima Caleiro*
Frederico Alves Mota**

Resumo

Este artigo tem como objetivo tratar do processo de elaboração do preconceito em torno das práticas religiosas afro-brasileiras com ênfase no papel que a Igreja Católica desempenhou neste processo. A análise central da pesquisa é direcionada para o movimento intitulado Renovação Carismática Católica que, por meio de uma bem articulada rede de meios de comunicação e de uma vasta produção editorial vem contribuindo para a permanência e propagação destes preconceitos.

Unitermos: Renovação Carismática Católica, religiões afro-brasileiras, discriminação.

Abstract

This article has as objective to deal with the process of construction of the preconception around practical the religious afro-Brazilians, leading in account the paper that the Church Catholic had in this construction. Another point to be analyzed is, as in the present time the intitled movement Charismatic Renewal Catholic, comes, through an approach of the pentecostal speech, to contribute for the permanence and propagation of this preconception through one articulated good net of medias and of a vast publishing production.

Key - words: Charismatic renewal Catholic, religions afro-Brazilians, discrimination.

O sistema de valores culturais e religiosos africanos que, em vários pontos difere do catolicismo, sempre foi motivo de muitas hostilidades, incompreensões e justificou várias formas de violência por parte dos colonizadores. O excessivo controle da moral que era imposto aos colonizadores por parte da religião católica, proporcionou a elaboração de uma série de representações deturpadas acerca dos valores culturais africanos. Para uma melhor reflexão sobre esta incompreensão na atualidade, que ainda persiste no mundo contemporâneo, torna-se necessário que

* Professora do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade estadual de Montes Claros-UNIMONTES. Mestre em História pela Unesp e Doutora em História pela UFMG. (regina.caleiro@ig.com.br)

* Graduado pelo curso de História da Unimontes. (fred..historia@yahoo.com.br)

retornemos ao seu início, ou seja, ao processo colonizador.

Ao contrário do que sempre pensou o colonizador europeu acerca das práticas africanas, suas atitudes e posturas sempre foram norteados por valores materiais e simbólicos, ou seja, norteadas por suas experiências coletivas e memórias compartilhadas que imprimiam significado à suas vidas. Robert Slenes em, *Na Senzala, uma Flor*, elabora com rara sensibilidade a análise de práticas culturais entre escravos brasileiros e demonstra que, por trás do exotismo ritualístico africano, a necessidade de preservação de seus valores e costumes sempre foi uma máxima. Grande parte de suas manifestações, incompreensíveis especialmente para os viajantes que as registraram, advinham da necessidade de preservação de uma identidade cultural em um ambiente estranho e não poucas vezes hostil a suas peculiaridades (1999, p.180).

Luiz Mott, em artigo intitulado: *Raízes Históricas da Homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro: Os Quimbandas em Angola e no Brasil*, também demonstra que mais que uma incompreensão acerca das práticas africanas tidas como exóticas, havia a questão de existir um grande abismo entre o sistema de valores morais africanos e os valores europeus assentados em bases judaico-cristãs. No que diz respeito à sexualidade, nota-se uma total aversão dos europeus com relação a algumas práticas de determinadas etnias, especialmente as condenadas pelo tribunal da Inquisição. Uma extensa gama de interdições foram elencadas e, entre elas, “a homossexualidade prática corrente em muitos dos reinos do Congo e de Angola” (MOTT, 1998, p.117). A partir da constatação desta forma de relação sexual, agravou-se ainda mais o olhar etnocêntrico com relação à cultura do continente africano.

Ainda no mesmo artigo, Luiz Mott lança mão dos relatos do Capitão Antônio de Oliveira Cardonega, para explicitar como o europeu via e interpretava as práticas de certo grupo africano:

Havia em Angola muita sodomia, existindo mesmo um grupo de finos feiticeiros que gozavam de muita autoridade, respeitados por todos e chamados nganga-ia-quimbanda, ou sacerdotes chefes do sacrificio, que eram proclamados superiores aos demais feiticeiros, sendo chamados nganga-ia-quimbondi, sendo depois de mortos, suas relíquias valorizadíssimas; que eram invertidos sexuais, usando roupas, ostentando maneiras e porte de mulher “sempre de barba raspada, que parecem capões”, recebendo o nome de a grande mãe que eram

inveterados praticantes de sodomia (MOTT s/d:, p. 09).

Entretanto, não é intenção do autor mostrar uma idéia totalizadora e generalizada da cultura africana, ao citar a visão do capitão Antônio de Oliveira Cardonega sobre algumas práticas sexuais e religiosas deste povo. Trata-se de uma forma de explicitar que, desde o período pré-colonial, algumas etnias africanas já eram adeptas de práticas homossexuais, inclusive dentro dos grupos religiosos, como já foi mostrado no fragmento citado.

Importa lembrar que a diversidade étnica e as trocas culturais entre estabelecidas entre as etnias do continente impedem que sejam feitas considerações deste teor. Portanto não é possível falarmos em uma sexualidade africana ou uma religiosidade africana, mas sim, de várias realidades africanas. Realidades diversas mas interativas, presentes em um só continente, o que torna bastante provável que este seja um dos fatores que originaram e ainda promovem tanta incompreensão sobre a África.

Roger Bastide, referência obrigatória para os que se interessam pelas questões relativas à cultura afro-brasileira, confirma o que está foi discutido por Luiz Mott ao afirmar que:

Conforme já observamos, a religião africana impunha à sexualidade do negro um controle diferente daquele das nossas sociedades, mas assim mesmo obrigatório, pareceu aos portugueses, e mesmo a certos sacerdotes católicos dos séculos XVII e XVIII, que a ausência de controle da sociedade branca ao cruzar o limiar das seitas africanas, equivalia a uma libertação de todos os tabus sexuais. (BASTIDE, 1975, p.545)

Acerca do início da colonização brasileira, Laura de Mello e Souza avalia que: “os portugueses chegaram ao Brasil em um momento em que a presença de satã entre os homens era especialmente marcante” (2000, p. 153). Desde então, a adaptação da cultura africana e o contato desta, com a cultura indígena, originaram uma característica que passou a fazer parte da nossa essência religiosa: o hibridismo, relacionado ao imaginário dos demônios europeus. ”A incompreensão por parte da elite clerical leva a adoção de uma postura de combate ostensivo a essas manifestações e tradições religiosas de origem não européia”. Entretanto, mesmo dentro do espaço restrito das estruturas sociais que lhes foram impostas os negros

procuraram abrir “brechas” onde puderam desenvolver, adaptar e perpetuar suas manifestações religiosas” (2000, p.94).

De acordo com Pierre Verger “as primeiras menções às religiões africanas no Brasil são de 1680, por ocasião das visitas do Santo Ofício da Inquisição” (1981, p.26) Os inquisidores, identificados com um aparelho que tinha como principal objetivo estabelecer uma espécie de purificação da fé, como homens do seu tempo, dificilmente veriam a prática de uma religião não-cristã, com tolerância. Entretanto, a sobrevivência dos cultos africanos entendidos como feitiçaria/heresia na colônia portuguesa foi inevitável, dado o próprio caráter do sistema colonial.

Laura de Mello e Souza demonstra que, por mais que a tradição católica reprimisse as manifestações religiosas dos africanos, na vida cotidiana, em que se travava uma luta constante pela sobrevivência a carência de médicos na colônia era compensada pela presença dos curandeiros africanos que se encarregavam de indicar e fornecer diversas ervas curativas, patuás e orações, visando o restabelecimento da saúde dos enfermos. Sabemos que ainda hoje sobrevivem resquícios destas práticas entre a população. Pessoas que professam oficialmente serem adeptos de religiões de tradição cristã ainda recorrem às religiões de origem africana em busca de soluções para os males que a medicina oficial não apresenta solução.

Luiz Mott, em *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu* corrobora esta assertiva e afirma que mesmo com as proibições impostas pela Igreja, desde os tempos coloniais as práticas cotidianas e as necessidades de sobrevivência nas duras condições locais, mais aproximavam do que contrapunham os ensinamentos cristãos e os africanos:

Apesar de a hierarquia católica ter se oposto rigorosamente, desde os tempos apostólicos, a todas as religiões não cristãs, rebaixando as a condição de idolatria, superstição e feitiçaria, na prática muitas vezes, outra era a realidade, sobretudo abaixo do equador. (MOTT,1997, p.192)

Importa destacar que estes não eram casos excepcionais, no Brasil antigo era comuns os africanos rezadores e negras benzedoras que prestavam serviços valiosos a uma sociedade bastante carente de recursos materiais e espirituais visto que envolta na dura luta pela própria sobrevivência homens, mulheres e também alguns clérigos da colônia encontravam-se bastante distanciados dos cânones romanos. Ainda no

mesmo artigo Luiz Mott demonstra que, constantemente, padres eram encaminhados ao tribunal do Santo Ofício por receitar a seus fiéis uma visita aos negros para solucionar algum problema de saúde, reconhecendo que estes feiticeiros eram bastante eficientes. (MOTT, 1997)

Entretanto, por mais que a população branca e o próprio clero recorressem às práticas mágicas africanas, a tendência sempre foi a de depreciá-las e associá-las a questões demoníacas. Nesse sentido, Roque de Barros Laraia esclarece que, para percebermos o significado profundo de um símbolo, torna-se necessário conhecermos a cultura que o criou. O fato de o homem ser o resultado do seu ambiente de socialização, dos conceitos e pré-conceitos que ele mal ou bem assimila e toma como verdadeiros, leva-o a adoção de posturas que tendem a depreciar aqueles que fogem dos padrões que foram construídos e percebidos como positivos pelo seu meio. Esta postura acarreta sentimentos de desprezo por todos aqueles que não comungam das mesmas idéias, por outro lado, alimenta a convicção de que alguns são responsáveis pela “purificação” racial, social e religiosa das sociedades. A crença em um povo eleito, superior aos demais por predestinação de seres sobrenaturais alimenta “o germe da intolerância e do racismo, frequentemente utilizados para justificar a violência praticada contra os outros (LARAIA, p.75).

Não é nossa intenção neste artigo, tornar vítimas os adeptos das tradições africanas, entretanto, é fato notório que no decorrer da história do Brasil, o elemento africano sempre foi tratado com menosprezo, em especial no que se refere à herança religiosa. Sabemos que não só os africanos foram discriminados, entretanto, o fato de abordarmos a religiosidade afro-brasileira como nosso objeto de estudo neste trabalho, nos leva a enfatizar o grupo em questão.

Findo o regime monárquico e a escravidão no Brasil não se apagaram as representações negativas criadas em torno da cultura preservada e miscigenada pelo contato com indígenas e brancos europeus pelos antigos escravos e seus descendentes, ou seja, o estigma que havia sido criado sobre as tradições africanas já estava consolidado. Leonardo Cristiane Campos enfatiza que:

Mesmo após a extinção da escravidão, os setores dominantes da sociedade continuaram a ver dessa forma as manifestações da cultura dos negros – agora cidadãos livres, mas ainda pobres, iletrados, sem profissão definida e, portanto, marginalizados em uma sociedade que entrava no século XX perseguindo o sonho de

modernização (CAMPOS, 2004, p.29) .

Sem dúvida, uma sociedade em busca de modernização nos moldes europeus não consentiria na coexistência pacífica com uma tradição religiosa concebida como atrasada e primitiva. Com isso as posturas segregacionistas durante o período republicano permaneceram ainda bastante acirradas. Com o advento das idéias sanitaristas e higienistas os cultos de possessão, próprios das religiões de tradição africana passaram a ser tratados, agora não apenas como pecado, mas também como patologia onde "... a imagem da loucura penetra o significado do religioso" fazendo com que os adeptos da religiões afro brasileiras fossem percebidos como elementos perigosos e transgressores da ordem médica e burguesa como os loucos, os alcoólatras, os portadores de sífilis, enfim, os degenerados (ORTIZ, 1978, p.180).

Percebe-se assim, que no transcorrer da história do Brasil, as formas de discriminação foram variadas, perpassando tanto as de cunho religioso como as de cunho pseudocientíficas. Também foi bastante expressiva a perseguição promovida pelo governo Vargas de 1937, que considerou os terreiros de cultos afro-brasileiros como um foco de marginalidade e degeneração racial.

Também nas cidades de Salvador, Recife, Rio de Janeiro e outras durante o Estado Novo (1937), foram registrados abusos de autoridade policial, resultando em invasões de terreiros e apreensão de objetos, levados, então, para delegacias policiais, hospitais psiquiátricos e posteriormente utilizados como documentos de marginalidade e loucura resultantes da danosa mistura de raças! (LODY,1995,p.22)

Reproduzidas e reinterpretadas, as teorias acerca da superioridade de raças e culturas elaboradas no passado tomaram outras formas na atualidade especialmente amparadas pelos recursos oferecidos pela mídia e tornaram-se objeto de preocupação e pesquisa. Maria Eunice Maciel, em artigo intitulado *A Eugenia no Brasil* deixa claro este fato ao afirmar que:

Hoje, se as idéias eugênicas estão em desuso, é perigoso dizer que elas desapareceram, pois não apenas ainda existem os que as defendem (de várias maneiras, nem todas baseadas nos mesmos pressupostos do passado),

como também sua difusão pela sociedade em geral foi muito grande, deixando resquícios no senso comum e implicando comportamentos cotidianos discriminatórios. (MACIEL 1999, p.122)

Ao problematizarmos esta questão pretendemos demonstrar que o tratamento pejorativo, preconceituoso e discriminatório ainda é recorrente quando se trata de práticas pertinentes às culturas de origem africana especialmente no que diz respeito a suas práticas religiosas, e evidenciar que ainda há um longo caminho a ser percorrido em busca da tolerância religiosa no Brasil. Nossa assertiva baseia-se no fato de que apesar de nossa história ter passado por transformações substanciais, o preconceito e a intolerância religiosa não foram extintos, na atualidade são constantemente alimentados por segmentos das religiões de origem cristã, mas camuflados sob a máscara justificadora de uma pretensa “pureza” religiosa.

No Brasil, a igreja católica – sempre utilizou sua posição privilegiada no corpo social (abalada na última década pelo avanço dos evangélicos) para depreciar e invalidar religiões que divergem de seus dogmas. Nestas questões, segundo Patrícia Birman, importa ressaltar que não há “simples divergências, mas poderes claramente políticos que disputam o direito de impor determinadas crenças e invalidar outras” (BIRMAN, 1985, p.09).

Entre estes movimentos destaca-se a Renovação carismática católica, de origem norte americana que, a partir da década de 1980 cresceu entre os católicos brasileiros. Este movimento, para nossa análise tornou-se bastante emblemático, visto que necessita ser analisado com profundidade já que, seu posicionamento no que diz respeito às práticas religiosas africanas caracteriza-se pelo tom desrespeitoso, depreciativo e intolerante.

A expansão do movimento na atualidade é, em grande parte, decorrente de uma bem organizada rede de meios de comunicação. O crescimento do número de rádios católicas, o uso da Internet e principalmente a criação de canais de televisão que se dedicam exclusivamente à difusão da ideologia carismática católica, tornaram-se campo fértil para a evangelização nos moldes neopentecostais. A Rede Canção Nova é um exemplo claro do quanto este movimento trouxe uma série de inovações nas formas católicas de evangelização, visando assim estabelecer uma relação eficiente de concorrência com as demais religiões. Nesta relação de concorrência pode ocorrer a estratificação de uma delas ou a equiparação no mesmo nível, de sua

divindades.

[...] quando duas religiões entram em contato, ou produzir-se-á uma estratificação religiosa – uma das duas religiões sendo considerada a única verdadeira, a outra sendo rejeitada ao domínio dos cultos misteriosos ou da magia sinistra – ou tentar-se-á estabelecer equivalências entre os deuses, colocá-los num mesmo nível de valorização. (BASTIDE, 1975, p. 383)

No caso da ideologia divulgada pela Rede Canção Nova o que ocorre é a imposição de um modelo único de religiosidade e o reforço sistemático do preconceito contra todos os adeptos dos cultos de origem africana. Um dos grandes mentores do movimento carismático no Brasil, o padre Eduardo Dougherty possui uma considerável formação nas áreas de marketing e administração, sendo dotado de um espírito empresarial considerado bastante eficiente. “Com a disciplina de um monge e a obsessão de um executivo, Dougherty fundou a Renovação e foi pavimentando o seu caminho.” (CARRANZA, 2000, p.32) Este mesmo “dom empresarial” é que garante ao movimento uma eficiente rede de relações com seus fiéis, garantida pelas doações dos fiéis. Para os carismáticos, qualquer doação é bem-vinda, especialmente se for valiosa como o ouro, nesse caso até dentes são aceitos. Vejamos como exemplo o caso da campanha para construção do novo Ginásio de eventos da Canção Nova.

Na imagem promocional divulgada pela Revista Canção Nova, podemos perceber a relação estabelecida com o fiel que é convidado a participar da campanha doando alguma peça de ouro, que é referido como um pedaço de sua história para ajudar a arrebanhar almas para Deus (n.60, 2005).

Já na imagem promocional abaixo, é possível notarmos uma estratégia de sacralização do profano. Ou seja, o ouro que é sinônimo de riqueza e ostentação, a partir do momento em que é empregado em uma obra destinada à evangelização torna-se sagrado. Portanto, são estratégias de marketing como as que demonstramos que garantem a expansão da mensagem carismática de forma eficiente, já que os Carismáticos tem se mostrado o grupo que mais cresce no meio católico. (PRANDI, 1998)



(fonte: Revista Canção Nova. Novembro de 2003)

Entretanto, os responsáveis pela rede canção Nova não se contentam apenas em arrecadar verbas para sua manutenção. Além da utilização destas modernas técnicas de evangelização, o movimento também retoma um posicionamento conservador e reacionário ao alimentar e manipular no imaginário popular um dos principais capitais simbólicos do cristianismo: o demônio.

Ao analisarmos a história do cristianismo podemos perceber claramente que sempre houve a estratégia de associar esta figura maligna a uma pessoa, ou a um grupo de pessoas que pudessem abalar a fé nos dogmas do catolicismo. A História tem nos mostrado que o demônio sempre cumpriu uma função social e que, a Igreja Católica sempre utilizou estrategicamente de sua imagem em benefício próprio, em especial, nos momentos onde sua hegemonia é ameaçada “assim, quando o cristianismo é estudado, observa-se como emerge uma guerra contra o diabo mostrando que é na oposição Deus contra o Diabo que o cristianismo avançou.” (CARRANZA, 2000, p.177).

A análise das publicações da Renovação Carismática Católica demonstra que o demônio é o foco preferencial das pregações carismáticas. Na leitura percebe-se a clara tentativa de, através de enunciações simplistas, produzir explicações sobre os problemas pessoais e da sociedade, sem levar em conta as suas peculiaridades sociais, culturais, políticas e econômicas. Todos os problemas, segundo os autores dos textos, são decorrentes da ação sobrenatural do demônio.

Para nossas reflexões, consideramos que este pode ser um caminho perigoso e alienante. Retirar das pessoas a perspectiva de enfrentamento político e da

responsabilidade pessoal acerca dos conflitos sociais é retirar delas a sensibilidade de se revoltar diante das injustiças de uma sociedade em que a violência, desigualdade social e a concentração de renda tornam-se cada vez mais gritantes. É também uma forma de alienação política sobre as questões que devem ser enfrentadas pelo Estado e pelos seus representantes. Mais grave ainda, é atribuir aos símbolos do universo sagrado das religiões africanas, a responsabilidade sobre os males que nos afligem, pessoais, políticos e sociais. Estes posicionamentos são, no mínimo, preconceituosos e reacionários.

Uma das obras que podemos utilizar como exemplo para nossa assertiva é o livro *Sim, Sim! Não, Não!*. Considerado como o *Best Seller* da Renovação Carismática Católica e já atingiu a marca de mais de 400.000 cópias vendidas.¹ De autoria do Padre Jonas Abib, que atualmente é a principal liderança do movimento carismático no Brasil, o livro traz uma mensagem bastante agressiva no que diz respeito às tradições africanas, como fica claro na citação a seguir:

Acabe com tudo: tire as imagens de Iemanjá (que na verdade são um disfarce: uma imitação de Nossa Senhora) Acabe com tudo! Mesmo que seja uma estátua preciosa, mesmo que seja objeto de ouro, não conserve nada. Isso é maldição para você; maldição para sua casa e para sua família. Isso é maldição que impede você de caminhar: você patina sem conseguir sair do lugar. Limpe sua casa, porque do contrário você vai ficar emaranhado nas teias desta embromação. (ABIB, 2003, p.15)

A citação acima, demonstra a estratégia utilizada na manipulação do imaginário dos leitores: mescla-se maldição com símbolos da cultura religiosa afro-brasileiras induzindo os leitores a associarem um possível “atraso” em suas vidas com a posse de imagens como a de Iemanjá.

A busca pelo sentido de um mundo onde, nem sempre o que prevalece é a coerência e a lógica leva muitas pessoas a tomarem como verídicas explicações que, embora absurdas, são tidas como verdadeiras. Há muito que a humanidade padece deste mal, basta lembrarmos que houve um tempo que intelectuais como Nina Rodrigues e Oliveira Viana acreditavam que os males do Brasil eram decorrentes do

¹ Dados fornecidos pela editora Canção Nova.

sangue ruim de indígenas e negros. Como solução para o problema propunham uma política de branqueamento e purificação da raça (SCHWARTZMAN, p.107). A demanda pelo poder político, econômico, religioso, nas mais diversas conjunturas históricas, alimentou a ignorância, a intolerância, diversas formas de violência e forneceu os elementos para injustiças que até hoje nos estarrecem .

Em uma passagem de outra obra carismática que é de autoria do Padre José Augusto, intitulada *O Meu Lugar é o Céu*, o autor afirma o seguinte:

Se você entendeu a seriedade e a importância de viver com Jesus, desfaça-se dos objetos que talvez você tenha adquirido em terreiros, com a “benção” dos pais e mães-de-santo. Não os dê para ninguém, destrua-os, jogue-os fora! O demônio não pode imperar em nossos lares, não pode ter brecha em nossa vida” (AUGUSTO, 2003, p. 90)

Esta mesma obra já foi comercializada em forma de CD, K7 e livro proporcionando dessa forma um amplo alcance de público. No trecho acima fica claro como as lideranças carismáticas incitam a uma associação entre os terreiros afro-brasileiros e o demônio. Através desta descaracterização cria-se um adversário a ser combatido, identificado nas obras citadas com os símbolos das crenças afro-brasileiras. Com isso, “os mitos cumprem uma função compensatória e pacificadora. Corrigem as imperfeições do mundo real e apontam o bode expiatório identificado com um grupo acusado de ter características indesejáveis.” (CARNEIRO, 1998, p. 63).

Em uma outra passagem o Padre. José Augusto deixa explícita a sua intenção de descaracterizar as práticas religiosas alheias, sempre caracterizadas como demoníacas, e supervalorizar a de seu grupo religioso, como o predestinado a promover a paz mundial, ao afirmar que: “Ninguém viu o Papa João Paulo II fazendo contato com o demônio para implantar a paz no mundo. Ele também não consultou um pai-de-santo, nem matou animais para sacrifício”. (2003, p. 43)

O já citado Padre Jonas Abib reafirma esta posição e procura estabelecer as diferenças entre as curas prometidas pelos carismáticos das prometidas também pelos adeptos das religiões afro-brasileiras. Para o padre, quando se trata dos “grupos de cura” da Renovação Carismática Católica, “ não se trata de um grupo de curandeiros e sim de um grupo de cura, no qual, pela palavra de Deus, o nosso povo venha a ser

curado.” (ABIB, 2003, p.55) Ou seja, para o padre curandeiros são os outros, os carismáticos são um grupo de cura.

O que pretendemos enfatizar é que o posicionamento que busca tornar ilegítima a cultura alheia nada mais é que “uma luta pela contaminação de todo sistema por parte de um grupo social e sua ideologia,” (DA MATTA,1997,p.75) Ou seja, a insistência em tornar ilegítimas as práticas de outro grupo religioso não passa de uma forma específica de competição por fiéis e pelo poder. Roque de Barros Laraia demonstra como historicamente o homem tende a conservar seus padrões culturais descartando os que diferem dos seus.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isso discriminamos o comportamento desviante. (LARAIA, 2000, p.70)

Edênio Valle salienta que a Renovação Carismática Católica tem influência americana de ambos os lados: o catolicismo americano e o pentecostalismo. (VALLE, 2004) Infelizmente nos acostumamos a importar ideologias trazidas de fora, sem levar em conta as peculiaridades de nossa formação cultural híbrida. Apesar das particularidades que caracterizam a Renovação Carismática Católica brasileira, ela é o resultado de um empreendimento de origens e influência norte-americanas marcantes. Não estamos tentando afirmar, que a depreciação e demonização da cultura afro-brasileira, resulta de uma imposição e uma determinação da invasão cultural norte americana, mas , que a importação de idéias que fazem parte de um contexto cultural adverso ao nosso podem gerar uma série de preconceitos que não condizem com a nossa realidade cultural e social

Constatamos nos livros e nas transmissões televisivas, o fomento ao preconceito e à intolerância através da manipulação do imaginário popular. Consideramos ser esta uma prática perigosa e preocupante visto que o público que é atingido por esse bombardeio de informações é cada vez maior já que, o uso de recursos como a mídia e a indústria editorial colaboram significativamente para a propagação destas idéias. Em meio à revolução tecnológica, ao desenvolvimento da engenharia genética e todas as inovações proporcionadas pela modernidade, é no

mínimo curioso o fato de a Renovação Carismática Católica reabilitar e trazer à atualidade a imagem de uma entidade que acompanha o cristianismo desde seus primórdios, o demônio. Mais curioso ainda é tentar disseminar a idéia de que o demônio continua vivo e muito atuante e, por mais incrível que possa parecer, tornou-se o vetor explicativo das questões perversas que assolam o país.

Construir uma sociedade fundada em valores de tolerância mútua e combater o preconceito contra a cultura afro-brasileira requer o enfrentamento de questões como as que foram expostas e que se auto justificam “ *em nome de Deus*”.

Fontes:

ABIB, Jonas. *Sim, Sim! Não, Não!* São Paulo: Canção Nova, 2003.

AUGUSTO, José. *O Meu Lugar é o Céu*. São Paulo: Canção Nova, 2003

Revista Canção Nova. *Os mais novos padres da Canção Nova são*: Um presente de natal para a Igreja. Ano IV – nº 60 – Dezembro de 2005.

Revista Canção Nova. “*Porque eis que vou fazer obra nova, a qual já surge: não a vedes?*” Novembro de 2003.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Leonardo Cristiane. *A diversidade de ritos nos Candomblés Bantu na cidade de Montes Claros, região norte estado de Minas Gerais/ Brasil a partir da segunda metade do século XX*. Montes Claros: Unimontes, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Racismo na História do Brasil: Mito e Realidade*. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção História em Movimento)

CARONE, Irani; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs). *Faíscas Elétricas na Imprensa Brasileira: A questão racial em foco*. In: *Psicologia Social Do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

DA MATTA Roberto da. *Carnavais Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro:

- Jorge Zahar, 2000.
- LODY, Raul. *O Povo do Santo: Religião história e cultura dos Orixás, Voduns, Inquises e Caboclos*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, UERJ, 1995.
- MAUÊS, Raymundo Heraldo. *Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor*. Revista de Antropologia. V.46, n.1.2006.
- MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. IN: SOUZA, Laura de Mello e. org. *Historia da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____. *O sexo proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.
- _____. *Raízes Históricas da Homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro: Os Quimbanda em Angola e no Brasil*. (Paper apresentado em Londres)
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PRANDI, Reginaldo. *Um Sopro do Espírito. A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 1998.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SLENES, Robert. *Na Senzala Uma Flor: Esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil/ sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SCHWARTSMAN, Simon. Das estatísticas de cor ao estatuto da raça. In: FRY, Peter (org). *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- VALLE, João Edênio Reis. *A Renovação Carismática Católica: Algumas observações*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52 p. 97-108, 2004.
- VERGER, Pierre. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981.